

Recebido em 03/09/2022 e aprovado em 21/12/2022

KORONIAGO: COINÉ NIPOBRASILEIRA E PATRIMÔNIO LINGUÍSTICO-CULTURAL RESULTANTE DO CONTATO DE LÍNGUAS NO CONTEXTO IMIGRATÓRIO DO BRASIL

Marcionilo Euro Carlos Neto¹

Resumo: Neste trabalho investigamos a *koroniago*, variedade linguística *nipobrasileira* resultante do contato linguístico entre diferentes variedades da língua japonesa com o português do Brasil no contexto imigratório de nosso país, associando-a, devido ao seu caráter formador, a uma coiné. Mais precisamente, buscamos descrever, tanto o processo de coineização (BLANC, 1968; SIEGEL, 1985) e seus elementos básicos, assim como analisamos alguns casos de uso da variedade linguística supracitada em livros didáticos destinados ao ensino de língua japonesa como língua estrangeira escritos por *nipobrasileiros*. Estudos anteriores salientam que a *koroniago* mostra-se evidente tanto na fala em comunidades japonesas espalhadas pelo Brasil (GARDENAL, 2008), bem como em produções escritas variadas: romances, contos, poemas e jornais cujos autores nasceram e cresceram no contexto nipônico-brasileiro (OTA, 2009). Os casos selecionados e investigados exemplificam os diferentes processos linguísticos envolvidos na formação e uso dessa coiné *nipobrasileira* que emana como um recurso identitário de seus falantes, além de surgir como um patrimônio étnico e cultural dos indivíduos *nipobrasileiros*, logrando destacar o papel relevante desses sujeitos para a formação identitária multiétnica de nosso país.

Palavras-chave: Línguas em contato. Coineização. *Koroniago*.

KORONIAGO: JAPANESE-BRAZILIAN KOINÉ AND LINGUISTIC-CULTURAL HERITAGE RESULTING FROM LANGUAGE CONTACT IN THE CONTEXT OF IMMIGRATION IN BRAZIL

Abstract: In this paper, we investigate *koroniago*: a *Japanese-Brazilian* linguistic variety resulting from language contact between different varieties of Japanese and Brazilian Portuguese in Brazil's immigration context, associating it, due to its formative character, to a koine. More precisely, we seek to describe both the process of koineization (BLANC, 1968; SIEGEL, 1985) and its elements, as well as analyze some cases of the linguistic variety's use in Japanese as foreign language textbooks written by *Japanese-Brazilian* authors. Previous studies point out that *koroniago* is evident both in the speech in Japanese communities throughout Brazil (GARDENAL, 2008), just like in various written productions: novels, short stories, poems, and newspapers whose authors were born and raised in the Japanese-Brazilian context (OTA,

2009). The selected and investigated cases exemplify the different linguistic processes involved in the formation and use of this *Japanese-Brazilian* koine which emanates as an identity resource for its speakers, in addition to appearing as a *Japanese-Brazilian's* ethnic and cultural patrimony, managing to highlight the relevant role of these subjects for the Brazilian multi-ethnic identity formation.

Keywords: Language contact. Koineization. *Koroniago*.

KORONIAGO: COINÉ NIPO-BRASILEÑA Y PATRIMONIO LINGÜÍSTICO-CULTURAL RESULTANTE DEL CONTACTO LINGÜÍSTICO EN EL CONTEXTO DE LA INMIGRACIÓN EN BRASIL

Resumen: En este trabajo, investigamos el *koroniago*, variedad lingüística nipobrasileña resultante del contacto lingüístico entre distintas variedades de la lengua japonesa y del portugués brasileño en el contexto migratorio de nuestro país, asociándola, por su carácter formativo, a una koiné. Más precisamente, buscamos describir tanto el proceso de koineización (BLANC, 1968; SIEGEL, 1985), con sus elementos básicos, como analizamos algunos casos de uso de la mencionada variedad lingüística en libros de texto destinados a la enseñanza del japonés como lengua extranjera escritos por nipobrasileños. Estudios anteriores señalan que la variedad *koroniago* es evidente tanto en el habla de las comunidades japonesas repartidas por todo Brasil (GARDENAL, 2008), así como en variadas producciones escritas: novelas, cuentos, poemas y periódicos cuyos autores nacieron y crecieron en el contexto nipobrasileño (OTA, 2009). Los casos seleccionados e investigados ejemplifican los diferentes procesos lingüísticos involucrados en la formación y uso de esta koiné nipobrasileña que emana como recurso identitario para sus hablantes, además de emerger como herencia étnica y cultural de los individuos nipobrasileños, logrando resaltar el papel relevante de estos sujetos para la formación de la identidad multiétnica de nuestro país.

Palabras clave: Lenguas en contacto. Koineización. *Koroniago*.

Introdução

Este artigo surge de pesquisas realizadas no âmbito do Laboratório de Pesquisas em Contato Linguístico² (LABPEC/UFF) através de hipóteses que, em sua maioria, foram levantadas durante observações de campo, inicialmente, realizadas na Associação Nikkei do Rio de Janeiro, no bairro Cosme Velho, ao longo de nosso trabalho de investigação para o estudo intitulado “Bilinguismo e bilinguagem: análise de redes sociais em uma comunidade japonesa na cidade do Rio de Janeiro” (CARLOS NETO, 2016). Com os *insights* obtidos

durante o levantamento de dados e a pesquisa na referida associação, foi possível ampliar o escopo de pesquisa através de novos questionamentos, entre eles “o que seria a variedade *koroniago* citada pelos informantes da comunidade investigada como o ‘dialeto que falavam?’” e “por que os falantes se recusavam a responder os questionários em língua japonesa alegando que não falavam japonês ‘padrão’ e sim *koroniago*?”

A busca de respostas para as diversas perguntas levantadas durante nosso caminho como pesquisadores na Associação Nikkei resultou no aprofundamento de temas bastante discutidos nos estudos de linguagem da atualidade tais como representações e políticas linguísticas, contato linguístico, etnicidade em movimento, multiculturalidade, entre outros. Contudo, diante da impossibilidade de cobrir todos os aspectos relevantes envolvidos na pesquisa, focamos nosso estudo (CARLOS NETO, 2020) no entendimento da variedade denominada *koroniago* e em seu uso pelos falantes investigados.

Nesse íterim, além da oralidade, percebemos que a referida variedade linguística podia ser identificada também em livros didáticos para o ensino de japonês como língua estrangeira (JPLE) produzidos no Brasil por *nipobrasileiros*.

Uma revisão bibliográfica sobre a história da imigração japonesa em nosso país, bem como sobre a variedade em questão, possibilitou-nos compreender de maneira mais pormenorizada a formação da variedade linguística denominada por muitos descendentes de japoneses no Brasil como *koroniago*. Estudos como o de Ota (1993, 2009) e o de Gardenal (2008) que analisam a língua japonesa falada por *nipobrasileiros* mostram diferentes exemplos de uso dessa variedade na fala desses sujeitos, sobrelevando aspectos relevantes da influência tanto de variedades trazidas pelos japoneses para o Brasil durante a imigração em massa por volta de 1908, como o papel do contato linguístico (CL) entre essas variedades com a língua portuguesa do Brasil.

Primeiramente, precisamos compreender que a imigração japonesa para as terras brasileiras durante o século XX possibilitou o contato entre diferentes variedades da língua japonesa, já que não havia no Japão dessa

época uma variedade considerada “padrão” como a falada em Tóquio atualmente (*kyōtsūgo*). Outro fator importante foi que, o Brasil, diferentemente de outros países como os Estados Unidos, aceitou imigrantes de todas as regiões japonesas: o que resultou numa maior integração de japoneses de variadas regiões do Japão com diferentes costumes e variedades linguísticas no território brasileiro. Com tudo isso, de modo geral, podemos afirmar que a língua japonesa falada pelos *nipobrasileiros*, sujeitos híbridos integrantes da identidade multiétnica brasileira, adquiriu seu caráter *sui generis* que desperta nos pesquisadores de linguagem a atenção e fomenta investigações diversas sobre o assunto. No entanto, podemos afirmar que pesquisas relacionadas à *koroniago* estão longe de ser um assunto bastante pesquisado e discutido na atualidade.

Neste estudo, trazemos um recorte de pesquisas anteriormente realizadas (CARLOS NETO, 2016, 2020) em que analisamos o uso da variedade linguística em questão em livros didáticos de JPLE produzidos no Brasil por *nipobrasileiros*, a coleção *Progressive nihongo shokyū*: Curso Básico de Língua Japonesa, volumes 1, 2, 3, 4, 5 e 6, da Aliança Cultural Brasil-Japão (KURIHARA *et al.* 2006, 2007a, 2007b, 2007c, 2008a e 2008b), acrescentando aspectos linguísticos relevantes dos vocábulos selecionados desses livros. A análise proposta esmiúça como o CL entre o japonês e o português brasileiro influenciou e influencia a língua japonesa usada pelo sujeito *nipobrasileiro*: indivíduo multiétnico e formador de nossa identidade nacional.

1. O processo de coineização

A formação da *koroniago* pode ser associada a um processo de coineização, já que essa variedade linguística surge como resultado do CL entre diferentes variedades da língua japonesa com o português brasileiro trazidas com a imigração nipônica para nosso país. Um dos precursores no uso do termo coiné em estudos da área de linguagem foi Blanc (1968), associando-o ao resultado da convergência de variedades linguísticas diversas em novas variedades de línguas (SIEGEL, 1985). Muitos autores tais

como Nida e Fehderau (1970), Inoue (1986), Hymes (1971), Trudgill e Britain (2005), Kerswill e Willians (2005), Trudgill (2008) e Kerswill (2010) abordam em seus estudos o termo *coiné*, bem como discorrem, em muitos deles, sobre os diversos estágios envolvidos no processo de coineização. Contudo, pode-se perceber que não há um consenso entre a maioria dos autores na delimitação e descrição do referido processo, assim como há uma relevante divergência entre eles sobre o foco de análise das *coínés*. Enquanto Hymes (1971), por exemplo, tem como ponto central de estudo a simplificação ocorrida no processo de coineização, Gambir (1981) se preocupa em discutir e descrever o mesmo processo focalizando o contato das variedades envolvidas para a formação de uma *coiné* denominada Bhojpuri guianês (CARLOS NETO e SAVEDRA, 2020). Enquanto Britain (2002) chama o processo de coineização de “difusão de deslocalização”, Kerswill e William (2005) chamam o mesmo processo de “formação de novos dialetos” ou “nivelamento regional de dialeto”, ao passo que Trudgill (2004) classifica-o como “contato de dialetos” (CARLOS NETO e SAVEDRA, 2020).

O termo *coiné*, originalmente do grego “*koiné*”, cujo significado básico seria “comum”, era utilizado, inicialmente, para designar uma variedade específica da língua grega resultante da fusão de diversos falares gregos dos períodos helenístico e romano (SIEGEL, 1985). Com o passar do tempo, o mesmo vocábulo passou a ser utilizado para fazer referência a variedades linguísticas formadas através do contato de variedades (dialetos) inteligíveis de uma mesma língua. Para Siegel (1985, p. 376) “uma *coiné* é caracterizada pela mistura de características das variedades contribuintes, e em uma fase inicial de desenvolvimento, muitas vezes é reduzida ou simplificada em comparação com qualquer dessas variedades”.

Essa redução pode ser observada, por exemplo, em *coínés* cuja língua base possui distinções axiomáticas no uso linguístico, tais como diferenças de formalidade e gênero explicitadas na fala na língua japonesa: Ota (2009) evidencia que a língua utilizada pelos descendentes japoneses que vivem no Brasil neutralizou, em muitos casos, as diferenças de uso formal da língua e as marcas de diferenciação de gênero masculino e feminino, ainda salientes no

japonês padrão, a saber, a variedade falada na região de Tóquio denominada *kyōtsūgo*. Esse fato nos remete também à teoria da acomodação linguística que, assim como delimita Kerswill (2007, p.8), “assume que os interlocutores convergem linguisticamente [...] quando eles querem ganhar a aprovação dos outros, mostrando solidariedade, etc.”

Podemos afirmar que as diferentes variedades da língua japonesa trazidas durante a imigração nipônica para o Brasil entraram em contato e passaram por um processo de coineização que envolve diferentes estágios, tais como o de “realocação estrutural” (LONG, 2004), “acomodação na interação face-a-face” (GILES, 1973) e “nivelamento” e “simplificação” (TRUDGILL e BRITAIN, 2005). Devemos ter em mente, também, que esses processos são bastante variados e não necessariamente precisam acontecer em uma ordem determinada ou em sua totalidade. Trudgill (2004), por exemplo, ao tratar da coineização, delimita o processo em três estágios básicos denominando-os “os três estágios da formação do novo dialeto” que seriam para ele três fases distintas e sequenciais denominadas “nivelamento rudimentar”, “variabilidade extrema” e “focalização, nivelamento e realocação”.

Uma coiné é definida pela mescla de características das variedades envolvidas na situação de contato e muitas vezes, em sua fase incipiente, pode ser simplificada em relação às variedades contribuintes (SIEGEL, 1985). Como afirmam Kerswill e Williams (2005, p. 1023-1024)

A formação de novos dialetos é o surgimento de novas variedades de linguagem distintiva, seguindo a migração de pessoas que falam dialetos mutuamente inteligíveis em território linguisticamente quase virgem (ou, pelo menos, território onde há relativamente pouco contato com qualquer linguagem falada anteriormente)³.

O contato de variedades linguísticas pode resultar em processos diversos que culminam em novos aspectos na língua usada pelos falantes de um mesmo território e que podem ir além de mudanças na norma linguística, bem como envolver mecanismos complexos, resultando, em muitos casos,

numa rápida mudança linguística (KERSWILL, 2007). A coiné que surge do CL emana não somente como uma variedade linguística patente, mas desponta como um acervo possuidor de grande riqueza linguístico-cultural, importante para a história das comunidades multiétnicas espalhadas no mundo em territórios diversos. No caso da imigração japonesa no Brasil, por exemplo, essa variedade linguística permite que possamos compreender, de certa maneira, a riqueza das variedades regionais do japonês, uma vez que muitas dessas variedades foram trazidas pelos imigrantes japoneses para o nosso país ao longo do processo imigratório, principalmente durante as eras Meiji e *Taishō*, e não acompanharam as inovações ocorridas nas variedades usadas atualmente no Japão (SAKURAI, 2008, p. 269).

Evidentemente, a *koroniago* não é a única variedade que podemos atribuir a uma coiné formada pela imigração no território brasileiro. Spinassé (2008) em “O *hunsrückisch* no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha” investiga o *hunsrückisch* em nosso país, associando a referida variedade a uma coiné de base alemã formada pelo CL entre variedades de alemão com o português brasileiro. Assim como em nossa pesquisa (CARLOS NETO, 2020), a autora supracitada realiza testes de inteligibilidade de vocábulos na variedade estudada com base nos modelos de testes realizados por Casad (1974, 2005) para verificar entre os falantes da coiné investigada o nível de distância ou de aproximação dessa variedade com a língua base de sua formação: o alemão.

No processo de coineização decorrente do CL por imigração, assim como salienta Trudgill (2004), os imigrantes adultos introduzem algumas inovações em sua fala em face ao convívio mútuo em um mesmo território, já que ainda não possuem a proficiência necessária para realizar muitas inovações linguísticas diante da complexidade enfrentada nos primeiros níveis de contato. Em outro estágio do processo, a falta de prestígio entre as variedades envolvidas na coineização e o tempo do contato possibilitam um auge nas inovações linguísticas que vão se tornando mais frequentes e mais facilmente incorporadas no discurso dos falantes. No estágio seguinte, a nova variedade é focalizada, nivelada e realocada sócio linguísticamente. Nos

termos de Siegel (1985), esses estágios podem ser chamados de “estágio pré-coiné”, “coiné-estabilizada”, “coiné expandida” e “coiné nativa”⁴, equivalendo, respectivamente, ao início do processo de coineização, à estabilização, ao estágio em que as mudanças linguísticas alcançam o seu ápice de desenvolvimento e ao estágio em que a coiné se torna a língua materna das novas gerações de falantes das comunidades envolvidas no processo (CARLOS NETO e SAVEDRA, 2020).

Além de tudo o que pontuamos anteriormente sobre o processo de coineização, cabe sobrelevar também que esse fenômeno pode ser confundido, algumas vezes, com a formação de *pidgins* e crioulos. Contudo, assim como afirma Siegel (1985) ao aclarar as diferenças entre pidginização, criouliização e coineização

A formação da coiné envolve continuidade, na medida em que os falantes não precisam abandonar suas próprias variedades linguísticas. Isto não se aplica ao desenvolvimento do *pidgin* e do crioulo.

Na formação da coiné, não existe uma "variedade alvo". No desenvolvimento do *pidgin* e do crioulo, existe uma variedade alvo.

A formação da coiné requer uma interação social íntima e prolongada entre os falantes. Devemos assumir que isso não se aplica no desenvolvimento do *pidgin* e do crioulo cujo contato é restrito.

A formação da coiné pode ser um processo longo; os *pidgins* e os crioulos são pensados para se desenvolver rapidamente a partir de uma necessidade imediata de comunicação.

Os processos supracitados possuem diferenças perceptíveis, no entanto convergem num mesmo ponto de início: o contato linguístico. Como afirmam Carlos Neto e Savedra (2020, p. 269) o CL resulta em situações linguísticas diversas tais como “perda linguística, assimilação linguística, empréstimos, interferência de substrato, pidginização, criouliização, coineização, acomodação, convergência linguística, glototanásia, bem como geração de novas línguas, diferentes variedades linguísticas, etc.” e por isso cada situação de contato deve ser investigada, considerada em seus contextos variados e

aspectos particulares, exigindo dos investigadores um recorte claro e conciso do objeto de estudo, além de uma visão holística do tema estudado.

2. A *koroniago*: coiné resultante do contato de línguas no contexto imigratório do Brasil – patrimônio linguístico-cultural dos *nipobrasileiros*

A imigração ocasiona uma ruptura das estruturas sociais que ensejam o CL e propiciam uma reestruturação das redes de interações comunicativas envolvidas na situação de contato, culminando, muitas vezes, no surgimento de espacialidades remoldadas pelas inovações linguísticas que ocorrem no dia a dia dos falantes em sua interação. Ao falarmos sobre espacialidade, devemos levar em consideração que “o espaço não é uma dimensão vazia pela qual os grupos sociais tornam-se estruturados, mas deve ser considerado em termos de seu envolvimento na construção de sistemas interacionais” (BRITAIN, 2007, p. 2), ou seja, precisamos levar em conta e entender o espaço em suas formas físicas, sociais e perceptuais (MILROY, 1980).

O caso da realocação estrutural das variedades do japonês faladas na regiões entre Quioto e Osaka pode ser citado como um exemplo interessante da relação entre CL, variedades linguísticas e espacialidade: na zona de transição entre as referidas cidades japonesas há o uso de uma variedade linguística denominada *takatsuki* em que é possível encontrar traços morfológicos verbais, tanto provenientes da variedade usada em Quioto, quanto da variedade utilizada em Osaka que, segundo Long (2004), evitaria o confronto que o sistema de alocação potencial de ambas as variedades poderia causar nas variedades faladas nas regiões intermediárias às duas cidades supracitadas.

Seria possível afirmar também que a *koroniago* emana da influência axiomática da espacialidade na mudança e uso linguísticos. No caso de nosso estudo, percebemos que o espaço em sua forma física, social e perceptual induziu transformações nessa variedade de língua japonesa em alguns espaços específicos como é o caso de muitas colônias japonesas no estado de São Paulo: pesquisas em comunidades *nikkeis*⁵ em algumas cidades

paulistas, tais como as realizadas por Ota (2009) e Gardenal (2008), salientam aspectos relevantes decorrentes do CL das variedades japonesas com o português brasileiro, evidenciando fenômenos diversos e recorrentes como empréstimos lexicais, mudança de códigos, *code-switching* e acomodação linguística. O próprio termo “*koroniago*” (コロニア語) decorre desse hibridismo característico da variedade linguística em questão: a primeira parte da palavra, “*kononia*”, tem como origem o vocábulo “colônia”, da língua portuguesa, sofrendo um processo de epêntese, ganhando fonemas para moldar-se aos sons comuns na língua japonesa. Já a segunda parte do termo, “*go*” (語), significa “língua” em japonês e é comumente usada ao fim das palavras para designar alguma língua. Ota (2009, p. 51) classifica a *koroniago* como “uma variante (*ibid.*) da língua japonesa em que se vê claramente a interferência do português”, enquanto Paiva (2011) a designa como um dialeto nipo-brasileiro que revela as distinções dos dois países dos falantes: o Japão e o Brasil.

Como atesta Mase (1987), essa variedade *nipobrasileira* emana de uma homogeneização necessária para que o processo comunicativo entre os imigrantes japoneses no território brasileiro pudesse se concretizar de uma maneira prática, acessível e inteligível, já que algumas variedades linguísticas trazidas pelos imigrantes nipônicos possuíam uma distância dialetal acentuada. No Brasil, devido ao recebimento de japoneses de regiões variadas do Japão, o contato das variedades nipônicas pôde ocorrer de maneira intensa e num nível acentuado, uma vez que esses imigrantes, principalmente os pioneiros que chegaram em 1908 no *Kasato Maru*, concentraram-se em localidades próximas, pois vieram com o propósito principal de suprir a mão de obra escassa nas lavouras cafeeiras do estado de São Paulo (SAKURAI, 2008).

Decerto, algumas famílias japonesas se dirigiram em seguida para o estado do Rio de Janeiro, fugindo das péssimas condições de trabalho nas fazendas de café e buscando se dedicar a outras atividades como o comércio (Shikada *et al.* 2008). A influência dos japoneses que vieram para o

nosso país pode ser percebida de maneira diversa, desde a inovação em técnicas agrícolas e na atividade pesqueira, até em nossa culinária e na paisagem linguística de nosso país.

A *koroniago* desponta não somente como uma coiné formada no território brasileiro, mas, principalmente, como um patrimônio linguístico-cultural que marca e reforça a identidade *nipobrasileira*, bem como evidencia o caráter multiétnico formador de nossa identidade nacional. Além dessa variedade, o Brasil abriga inúmeras outras variedades linguísticas espalhadas em nosso território de proporções continentais e alicerçadas em nossa diversificada cultura. Essas variedades merecem ser consideradas como inventários linguísticos de nosso país, pois negar a sua existência e incentivar o monolinguismo, prática costumeira do Estado brasileiro, resulta em prejuízos custosos para as diversas comunidades étnicas formadoras da nossa identidade nacional.

O sujeito *nipobrasileiro* surge, então, como o resultado de uma transculturalidade bem característica do Brasil que desnuda culturas que se transpassam e/ou despontam umas das outras (WELSCH, 1999). Por isso, optamos por tratar sobre esses sujeitos com o termo aglutinado (*nipobrasileiro*), ao invés de justaposto (*nipo-brasileiro*), já que acreditamos não existir uma separação clara e bem definida da formação étnica desses indivíduos: os *nipobrasileiros* não são simplesmente uma justaposição de duas culturas, facilmente delimitáveis, mas sim sujeitos que expressam uma etnicidade em constante movimento em nosso país e fazem parte de nossa cultura profusa.

3. Contato de línguas, etnicidade em movimento e os *nipobrasileiros*: análise da variedade *koroniago* em livros didáticos para o ensino de língua japonesa no Brasil

Desde seu advento como um ramo da linguística histórica do século XIX, a linguística de contato vem ampliando seu escopo de investigação, trazendo à tona o papel irrefutável do CL na formação das línguas e suas variedades linguísticas. O fenômeno do contato é tratado por uma

bibliografia ampla que incita diferentes debates e variadas investigações sobre o assunto, já que “as línguas têm estado em contato certamente por milhares de anos”, influenciando umas às outras sobremaneira e exigindo, portanto, serem analisadas levando essa premissa em consideração (THOMASON, 2001, p. 6).

Além disso, ao analisarmos fatores linguísticos, não podemos desconsiderar outros aspectos relevantes para os estudos sociolinguísticos, tais como cultura, etnicidade, noção de pertencimento, espacialidade, etc. Contudo, delimitar alguns conceitos como o de grupo étnico e o de cultura abarcam um enredamento que exige do pesquisador certa cautela e aprofundamento teórico. Entendemos por grupos étnicos os “formados por pessoas que compartilham ou acreditam que compartilham características culturais comuns” (MILROY e GORDON, 2003, p. 108) e partilham pelo menos convenções comunicativas, correlacionando-se ideologicamente. Em nossas pesquisas realizadas anteriormente, por exemplo, investigamos o grupo étnico dos *nipobrasileiros* em comunidades japonesas localizadas nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, analisando os contrastes da variedade linguística usada por esses sujeitos nessas localidades (CARLOS NETO, 2020).

O recorte de pesquisa neste estudo surge da análise de livros didáticos escritos por autores *nipobrasileiros*, provenientes do estado de São Paulo, intitulados “*Progressive nihongo shokyū: curso básico de japonês*” (KURIHARA *et al.* 2006, 2007a, 2007b, 2007c, 2008a e 2008b), volumes I, II, III, IV, V e VI, realizada em outra investigação (CARLOS NETO, 2020) que nos possibilitou perceber o uso da *koroniago* no nível da escrita, uma vez que essa variedade encontra-se perceptível nos trabalhos dos *nipobrasileiros* desde produções literárias como romances, contos, poemas haicais, como na fala desses sujeitos nas diversas comunidades *nipobrasileiras* em que eles estão inseridos ao longo do território brasileiro (OTA, 2009; DOI, 2002).

A pesquisa das obras supracitadas resultou num levantamento de alguns vocábulos que, a princípio, apresentaram-se como traços de *nipobrasilianidade* na variedade de língua japonesa usada pelos sujeitos investigados e que com a aplicação dos testes de inteligibilidade criados com

base em Casad (1974, 2005) puderam ser confirmados ou não como tais. Neste teste, aplicado em redes sociais de *nipobrasileiros* (40 participantes) e redes sociais de japoneses (20 participantes) (CARLOS NETO, 2020), pudemos confirmar que um total de 14 termos levantados são vocábulos pertencentes à *koroniago*, uma vez que os japoneses participantes da pesquisa sem conhecimento algum de língua portuguesa não compreenderam a maioria dos termos encontrados e testados em comparação com os sujeitos *nipobrasileiros* investigados que mostraram um alto grau de compreensibilidade: quase a totalidade dos vocábulos selecionados (CASAD, 1974, 2005). Destacamos que para o nosso teste definitivo de inteligibilidade, usado em nossa tese, juntamos os vocábulos retirados da coleção de livros didáticos, mencionados anteriormente, e os somamos a mais 85 termos retirados de um conto também escrito por um *nipobrasileiro* intitulado “Pinga to imin”, “A pinga e a imigração”, de Shinichi Numata (1977). Porém, neste artigo, devido ao limite de espaço, iremos explorar e descrever somente os vocábulos retirados dos livros didáticos supracitados (KURIHARA *et al.* 2006, 2007a, 2007b, 2007c, 2008a e 2008b), não nos aprofundando na análise de todas as palavras constantes no teste de inteligibilidade aplicado na pesquisa anteriormente realizada (CARLOS NETO, 2020).

Chamamos de traços de *nipobrasilianidade* “a manifestação da variedade investigada, a *koroniago*, em qualquer nível linguístico” (CARLOS NETO, 2020, p. 131), destacando, por ora, que iremos focalizar nosso estudo no nível da escrita, apesar de que os textos de onde os termos foram retirados são formados, em sua maioria, por diálogos que tentam representar a fala cotidiana de indivíduos falando “língua japonesa”. Aqui, faz-se necessário contextualizar algumas premissas sobre a coleção de livros didáticos analisados.

A coleção “*Progressive nihongo shokyū: curso básico de japonês*” (KURIHARA *et al.* 2006, 2007a, 2007b, 2007c, 2008a e 2008b) pertence à editora Aliança Cultural Brasil-Japão e destina-se ao ensino de língua japonesa como língua estrangeira. Contudo, não há no livro nenhuma nota destacando que a língua ensinada nos volumes dessa coleção não se trata da língua japonesa

considerada padrão, ou seja, a *kyōtsūgo*. Tampouco os livros mencionam que os contextos conversacionais acontecem, quase sempre, na cidade de São Paulo e que os falantes nos diálogos são *nipobrasileiros*. No entanto, pode-se perceber em muitas partes do livro usos linguísticos que nos remetem à uma variedade de língua japonesa que possui influência latente da língua portuguesa do Brasil.

Com isso, somente usuários dos livros que possuam algum conhecimento de português e de japonês padrão, *kyōtsūgo*, (o que seria meio paradoxal, já que os livros se destinam ao ensino básico da língua japonesa) poderiam perceber, de alguma maneira, que em algumas partes das obras citadas há vocábulos que não são usados no japonês padrão e que, de modo geral, não são compreendidos pelos japoneses residentes no Japão que não possuem conhecimento de língua portuguesa. Essas premissas são possíveis já que nos testes de inteligibilidade aplicados, anteriormente mencionados, pudemos testar a falta de compreensibilidade dos vocábulos levantados pelos japoneses participantes da pesquisa. Destacamos, também, que a proposta deste estudo se fundamenta na análise dos vocábulos selecionados nos livros didáticos citados, portanto não focaremos na descrição dos resultados dos testes de inteligibilidade que podem ser vistos pormenorizadamente em Carlos Neto (2020, p. 139-214).

O quadro que segue ilustra todos os vocábulos levantados como traços de *nipobrasilianidade* nos livros didáticos analisados: na primeira coluna, encontra-se o termo grafado em japonês. Já na segunda coluna, colocamos o termo de forma romanizada para permitir a leitura do mesmo por aqueles que não dominam os grafemas da língua japonesa. Em seguida, acrescentamos o significado da palavra analisada em português e, por último, colocamos o número do volume do livro didático que o termo foi retirado, bem como as páginas de ocorrência, o que nos possibilita compreender quantas vezes o vocábulo em questão foi usado ao longo dos seis volumes investigados.

Quadro 1 - **Traços de nipobrasilianidade nos livros didáticos de língua japonesa**⁶

LÉXICO – 単語	ROMAJI ⁷	SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS	Nº DO LIVRO – PÁGINA DE OCORRÊNCIA
1. フェイジョアーダ	Feijoāda	Feijoada	1 – p. 62 ⁸ 1 – p. 89 3 – p. 6
2. シュハスコ	Shuhasuko	Churrasco	1 – p. 62 4 – p. 29
3. フェイジョン	Feijon	Feijão	1 – p. 62
4. アカラジェ	Akaraje	Acarajé	1 – p. 62 4 – p. 29
5. ハバーダ	Habāda	Rabada	1 – p. 62 2 – p. 13
6. クスクス	Kusukusu	Cuscuz	1 – p. 62
7. アリアンサ	Ariansa	Aliança	1 – p. 69
8. ガラナ	Garana	Guaraná	1 – p. 89
9. アニエンビのモーターショー	Anyenbinomōtāshō	Festival de Moda do Anhemi	2 – p. 63
10. 図書館のねずみ	Toshokannonezumi	Rato de Biblioteca**	3 – p. 19
11. パテのサンドイッチ	Patenosandoitchi	Sanduche de patê	4 – p. 6
12. マサンドアモル	Masandoamoru	Maçã do Amor	4 – p. 75
13. 愛のりんご	Ainoringo	Maçã do Amor	4 – p. 75
14. オンサ	Onsa	Onça	6 – p. 35

Fonte: Carlos Neto, 2020, p. 154.

Os termos de número 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 11, 12 e 13 são comidas típicas do Brasil, provenientes de diferentes regiões do nosso país, cujo uso desvelaria, de certa maneira, a importância cultural da alimentação para um povo, já que a comida se relaciona intrinsecamente com a cultura e identidade dos grupos étnicos (MONTANARI, 2008). Cabe destacar que os termos supracitados aparecem nos livros analisados grafados em japonês, provenientes de processos de adaptação fonológica tais como o de epêntese para poderem

se adequar à língua japonesa, soando, ao mesmo tempo, japonizados, pois a criação de um novo vocábulo não se dá de maneira aleatória e desordenada já que

uma palavra não é forjada de forma alguma; é necessário respeitar tanto o "espírito" da língua quanto os sentimentos dos falantes. A terminologia pressupõe, por um lado, um conhecimento preciso dos sistemas de derivação, composição da linguagem, inventário das raízes etc., mas também que as palavras criadas, os neologismos, sejam aceitos pelos usuários, ou seja, que eles sejam principalmente aceitáveis⁹ (CALVET, 1997, p. 27).

A palavra de número 9 é um caso interessante para análise: além de ser demasiadamente ligada ao território e ao contexto *nipobrasileiro*, desvela, também, o contexto de uso linguístico dos *nipopaulistas*, uma vez que, muitas das vezes, não é compreendida pelos *nipobrasileiros* que cresceram e vivem em outros estados como os *nipofluminenses*¹⁰.

As palavras de número 12 e 13 são exemplos bem interessantes da influência do português na variedade de língua japonesa investigada: ambas significam “maçã do amor”, porém, surgem de maneiras diferentes. A primeira delas, “*masandoamor*” (マサンドアモル) se origina do termo em língua portuguesa “maçã do amor” e é grafada através dos caracteres silábicos denominados *katakana*¹¹, apresentando um caso de epêntese em que há a adição de um “u” ao final da palavra, logo após a consoante “r”. Já o termo de número 20, “*ainoringo*” (愛のりんご), seria uma formação mais comum na língua japonesa padrão em que são unidos o termo qualificador ao substantivo principal através da partícula “no”, seguindo a ordem protípica do japonês: “*ai*” significa “amor” na língua japonesa e “*ringo*” significa “maçã”, sendo unidas pela partícula de ligação e posse também proveniente dessa língua, a partícula “no”. Contudo, apesar de possuir todas suas partes provenientes do japonês, o vocábulo “*ainoringo*” não existe em língua japonesa padrão e não é compreendido, de modo geral, por japoneses sem conhecimento de língua portuguesa, já que no Japão o termo usado para designar “maçã do amor” é “*ringoame*” cujo significado “literal” seria “bala

de maçã”. Cabe destacar que devido ao papel intrínseco do português em sua criação, tanto “*masandoamor*” (マサンドアモル) quanto “*ainoringo*” (愛のりんご) são compreendidos com facilidade pelos *nipobrasileiros*, como nossos testes realizados em outra pesquisa apontam (CARLOS NETO, 2020).

Outro vocábulo que chamou nossa atenção foi o de número 10, “*toshokannonezumi*” (図書館のねずみ), “rato de biblioteca”. No entanto, o significado literal dessa formação não faria sentido em japonês. Destacamos aqui não uma interferência de nível morfossintático, mas sim um problema semântico-pragmático, já que os japoneses não se referem a alguém que estuda demais como um “rato de biblioteca” e sim como “*erai*” (偉い): uma pessoa “excelente”, “admirável”. No diálogo em que há o uso do termo “*toshokannonezumi*”, os personagens presenteiam o amigo com um marcador de texto em formato de um rato e explicam-lhe que a escolha do presente se deve ao fato de que o amigo estuda demais e, portanto, seria um “rato de biblioteca”, ou seja, um “*toshokannonezumi*”. Nesse caso, a palavra em questão é utilizada num contexto de fala de *nipobrasileiros* e, por isso, o sentido expressado em “*toshokannonezumi*” é estabelecido sem maiores problemas. Contudo, se a conversação ocorresse no Japão com interlocutores que falam japonês padrão e não possuem conhecimento de português, provavelmente, haveria um problema de entendimento devido ao teor semântico do termo “rato de biblioteca”. O interessante é que o entendimento literal do termo irá acontecer, já que foi formado seguindo perfeitamente as regras morfossintáticas da língua japonesa, porém o teor metafórico não irá se concretizar uma vez que os japoneses não fazem esse tipo de comparação, ou seja, não relacionam quem estuda demais a um rato de biblioteca.

O termo de número 14, “*onsa*” (オンサ), é um caso também bastante interessante de uso de palavras por falantes *nipobrasileiros*: mostra-se facilmente compreensível por esses sujeitos¹², porém não é compreendido facilmente por japoneses sem conhecimento de língua portuguesa, já que onça em japonês padrão seria “*jagā*” (ジャガー). Cabe destacar que esse

léxico não passa por modificações em seus fonemas para adaptar-se à língua japonesa, uma vez que seus fonemas existem nessa língua e sua representação é possível usando o sistema gráfico silábico japonês denominado *katakana*. Percebemos com isso que as palavras que sofrem processos de mudança fonológica, provavelmente, passam por esses processos numa tendência à necessidade de adaptar-se aos grafemas padronizados em japonês, língua base da variedade em questão, possibilitando a escrita dos vocábulos criados, culminando, ao mesmo tempo, com uma *japoneização* dos termos que ajuda na maneira pela qual a língua é percebida pelos falantes.

Os casos selecionados e discutidos evidenciam que a *koroniago* mostra-se evidente nos livros didáticos analisados, fazendo parte do repertório linguístico dos *nipobrasileiros*. Os termos investigados podem ser considerados traços de *nipobrasilianidade* nos diálogos presentes nas obras investigadas, já que sobrelevam a influência do CL entre as variedades de língua japonesa trazidas para o Brasil com o português brasileiro e evidenciam a existência da *koroniago*: uma coiné *nipobrasileira* utilizada ao longo de nosso vasto território nacional (CARLOS NETO, 2020). Pode-se afirmar também que

Os casos de empréstimos lexicais usados na língua japonesa falada pelos *nipobrasileiros* demonstram o caráter étnico em constante movimento característico das línguas de imigração no território brasileiro e, de certa maneira, nos levam a compreender que os grupos étnicos que formam a identidade nacional brasileira devem ser vistos como parte essencial e integrante de nossa cultura (CARLOS NETO, 2020, p. 157).

Além disso, devemos deixar claro que, apesar de nosso pequeno recorte de investigação neste estudo, assim como atesta Ota (2009), os casos de uso da *koroniago* são bem mais numerosos, podendo ser encontrados em textos de jornais *nipobrasileiros*, bem como em contos, romances, poemas e na conversação do dia a dia desses sujeitos nas diferentes comunidades japonesas que eles formam em nosso país: ocorrências que podem ser exploradas em pesquisas futuras sobre o assunto.

Considerações finais

Neste estudo buscamos analisar de maneira sucinta ocorrências de uso da variedade de contato *nipobrasileira* denominada *koroniago* em livros didáticos destinados ao ensino de JPLE. As ocorrências selecionadas corroboram a premissa de que a influência da língua portuguesa no uso lexical da variedade linguística investigada mostra-se evidente e exemplifica como os falantes se apropriam de repertórios linguísticos como os analisados neste trabalho para estabelecer sua identidade e pertencimento ao/aos grupo/os em que estão inseridos.

A *koroniago*, língua da colônia japonesa no Brasil (OTA, 2009), floresce no contexto imigratório dos japoneses em nosso país e sua manifestação desvela, além de fatores étnicos e identitários, a importância das variedades linguísticas de contato como inventários culturais e patrimônios linguísticos integrantes da identidade nacional brasileira. Nesse mesmo contexto, percebemos a relevância dos sujeitos *nipobrasileiros*: indivíduos híbridos que evidenciam culturas que se misturam, transpassam e se complementam de uma maneira tão aglutinada que sua justaposição já não daria mais conta de expressá-las em toda sua amplitude e complexidade.

O estudo mais detalhado da imigração japonesa para as terras brasileiras revela, também, a formação dessa variedade que surge como uma coine *nipobrasileira*, já que nasce de processos diversos do contato entre diferentes dialetos do japonês com a língua portuguesa falada no Brasil. Esses processos ocorrem em estágios diferentes e através de fenômenos diversos tais como a acomodação e a simplificação linguísticas, necessárias num contexto de otimização da comunicação entre falantes de variedades inteligíveis. Se no Brasil a não compreensão da língua portuguesa abarcava obstáculos penosos aos imigrantes nipônicos recém-chegados, as variedades faladas por eles, apesar de suas diferenças, diminuía as vicissitudes do trabalho pesado e da distância de sua terra de origem. Assim, essa necessidade de aproximação e de manter sua cultura viva enseja ocorrências diversas que

levam ao surgimento de uma variedade comum que possibilita, além da comunicação otimizada, a expressão da alteridade desses sujeitos.

A coiné *nipobrasileira* aflora como “uma ferramenta eficaz que permite aos *nipobrasileiros*, mesmo de maneira simples, manter sua variedade linguística do país de origem em conjunto com a língua do país de acolhida/residência” (CARLOS NETO e SAVEDRA, 2020, p. 292), sobrelevando, também, sua identidade híbrida e sua origem cultural. Ademais, a *koroniago* apresenta-se como “um recurso para uma comunicação eficiente entre as pessoas de diferentes gerações da família ou da mesma comunidade” (OTA, 2009, p. 55), já que os falantes possuem proficiência linguística diversa que muda de acordo com os ambientes comunicativos em que estão inseridos (SAVEDRA, 2009).

Ademais, a variedade investigada pode ser utilizada como uma ferramenta de análise e, de certa maneira, de reconstrução da riqueza linguística existente no Japão em diferentes épocas, uma vez que os falantes dessas variedades, na maioria dos casos, não conseguiram retornar ao seu país de origem, passando para as novas gerações uma língua japonesa que não acompanhou as mesmas mudanças ocorridas no japonês do Japão com o advento de uma língua padrão (*kyōtsūgo*). Sabemos que a padronização linguística resulta em processos diversos, entre eles o de transição e abandono de uso de variedades de “menos prestígio” em detrimento do uso daquelas que possuem um *status* social mais elevado e, por isso, destaca-se a necessidade de proteger essas variedades “desprestigiadas”.

Com tudo isso, evidenciamos que pesquisas sobre variedades linguísticas consideradas minoritárias possibilitam discussões necessárias para a ampliação do entendimento sobre a importância dessas variedades, tanto para os seus falantes, como para as sociedades em geral. Através de investigações empíricas é possível trazer à tona questões essenciais para o avanço científico, possibilitando-nos ampliar, cada vez mais, o escopo de análise, permitindo, ao mesmo tempo, que o trabalho do linguista continue progredindo e trazendo resultados positivos, discutindo aquilo que se faz imperativo para o compromisso social inerente aos estudos de linguagem.

REFERÊNCIAS

BRITAIN, David. Diffusion, levelling, simplification and reallocation in past tense BE in the English Fens. **Journal of Sociolinguistics**, v. 6, n. 2, p.16–43, 2002.

BRITAIN, David. Space and Spatial Diffusion. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; ESTES-SCHILLING, Natalie. **The Handbook of Language Variation and Change**. Blackwell Publishing, [2003] 2007.

CALVET, Louis Jean. **Las políticas lingüísticas**. Edicial S.A, 1997.

CARLOS NETO, Marcionilo Euro. **Bilinguismo e Bilingualidade**: Análise de Redes Sociais em uma Comunidade Japonesa na Cidade do Rio de Janeiro. 205 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2016.

CARLOS NETO, Marcionilo Euro. **Koroniago**: manifestação etno-linguístico cultural de uma coine nipobrasileira. 257f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2020.

CARLOS NETO, Marcionilo Euro; SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. **Koroniago**: uma coine nipobrasileira. In: DELA SILVA, S.; SAVEDRA, M. M. G. (Org.). **Estudos de linguagem e compromisso social**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

CASAD, Eugene H. **Dialect intelligibility testing**. Norman, Oklahoma: Summer Institute of Linguistics of University of Oklahoma, 1974.

CASAD, Eugene H. Analyses of Intelligibility. In: AMMON, U. (Org.) **Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society**. Berlin: deGruyter, 2005.

DOI, Elza Taeko. A presença japonesa no Brasil: a língua japonesa falada pela comunidade nipo-brasileira. **Letterature d'America**, n. 93-94, p. 19-36, 2002.

GAMBHIR, Surandra Kumar. **The east Indian speech community in Guyana**: A sociolinguistic study with special reference to koine formation. 368 f. Tese (Doutorado em Linguística) - University of Pennsylvania, Philadelphia. 1981.

GARDENAL, Luiz Maximiliano Santin. **A alternância de código nas falas de nipo-brasileiros de Aliança e Fukuhaku-Mura dos informantes isseis na pesquisa**: as línguas faladas nas comunidades nikkei do Brasil. 270 f. Dissertação (Mestrado em Sociolinguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

GILES, Howard. Accent mobility: a model and some data. **Anthropological Linguistics**, n.15, p. 87-109, 1973.

INOUE, Fumio. Sociolinguistic aspects of new dialect forms: language change in progress in Tokyo. **International Journal of the Sociology of Language**, n. 58, p. 73-89, 1986.

HYMES, Dell. **Pidginization and creolization of languages**. Cambridge University Press, 1971. p. 65-90.

KERSWILL, Paul; WILLIAMS, Ann. New towns and koineization: linguistic and social correlates. **Linguistics**, UK, n. 43-45, p. 1023-1048, 2005.

KERSWILL, Paul. Koineization and Accommodation. In: CHAMBERS, J.K. TRUDGILL, P. ESTES-SCHILLING, N. (Orgs.) **The handbook of Language Variation and Change**. UK: Wiley-Blackwell, 2007.

KERSWILL, Paul. Contact and new varieties. In: HICKEY, Raymond (Org.) **The handbook of Language Contact**. UK: Wiley-Blackwell, 2010. p. 230-251.

KURIHARA, Akiko et al. **Progressive nihongo shokyū**: curso básico de japonês 1. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 2006.

KURIHARA, Akiko et al. **Progressive nihongo shokyū**: curso básico de japonês 2. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 2007a.

KURIHARA, Akiko et al. **Progressive nihongo shokyū**: curso básico de japonês 3. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 2007b.

KURIHARA, Akiko et al. **Progressive nihongo shokyū**: curso básico de japonês 4. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 2007c.

KURIHARA, Akiko et al. **Progressive nihongo shokyū**: curso básico de japonês 5. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 2008a.

KURIHARA, Akiko et al. **Progressive nihongo shokyū**: curso básico de japonês 6. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 2008b.

LONG, Daniel. An interdialectal negation system in Japanese. **Journal of Social Sciences and Humanities**, Tokyo, Tokyo Metropolitan University, 2004.

MASE, Yoshio. A língua japonesa dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil. **Estudos Japoneses**, São Paulo, Centro de Estudos Japoneses da USP, n. 7, p. 137-146, 1987.

MILROY, Lesley. **Language and social network**. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

MILROY, Lesley. GORDON, Matthew. **Sociolinguistics: method and interpretation**. UK: Blackwell Publishing, 2003.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Editora Senac, 2008.

NIDA, Eugene; FEHDERAU, Harold. Indigenous pidgins and koinés. *International Journal of American Linguistics*, v. 32, n. 2, p. 146-155, 1970.

NUMATA, Shinichi. **Pinga to imin** (*A Pinga e a imigração*). São Paulo: Toppan-Press, 1977.

OTA, Junko. A língua Japonesa dos imigrantes – algumas considerações. In: **90 anos da imigração japonesa no Brasil**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1993.

OTA, Junko. A língua falada nas comunidades rurais nipo-brasileiras do estado de São Paulo – considerações sobre koronia-go. **Synergieres Brésil**, n. 7, p. 49-56, 2009.

PAIVA, Ana Clara Salles Abreu. Cem anos de hierarquia: reificação de identidades no processo de migração nipo-brasileiro. **Cadernos de Relações Internacionais**, v. 4, n. 1, 2011.

SAKURAI, Celia. **Os japoneses**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. Bilinguismo e bilinguagem: uma nova proposta conceitual. In: SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; SALGADO, Ana Claudia Peters (Org.). **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

SIEGEL, Jeff. Koinés and koineization. **Language in Society**, Cambridge University Press, v. 14, n. 3, p. 357-378, 1985.

SHIKADA, A. et al. **História dos cem anos da imigração japonesa no estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2008.

SPINASSÉ, Karen Pupp. O hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. **Espaço Plural**, ano IX, n. 19, p. 117-126, 2008.

THOMASON, Sarah Grey. **Language contact**. Edinburgh: University Press, 2001.

THOMASON, Sarah Grey. **New dialects formation: the inevitability of colonial Englishes**. Edinburg: Edinburgh University Press, 2004.

THOMASON, Sarah Grey; BRITAIN, David. New dialect formation and contact-induced reallocation: three case studies from English fens. **International Journal of English Studies**, v. 5, n. 1, p. 183-209, 2005.

TRUDGILL, Peter. **Dialects in contact**. Oxford: Blackwell, 2004.

TRUDGILL, Peter. Colonial dialect contact in the history of European languages: on the irrelevance of identity to new-dialect formation. **Language in Society**, v. 37, p. 241-254, 2008.

WELSCH, Wolfgang. Transculturality – the puzzling form of cultures today. In: FEATHERSTONE, M.; LASH, S. (Eds.) **Spaces of Culture: city – nation – world**. London: SAGE publications, 1999. p. 194-213.

NOTAS

¹ Doutor em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
Licenciado em Letras- Inglês, Espanhol, Francês e respectivas literaturas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).
Bacharel em Tradução pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).
Licenciado em Português e respectivas literaturas pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER).
Licenciado em Letras – Japonês pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNIC-SUL).
Professor de Língua Inglesa e Língua Portuguesa Instrumental pela Faculdade Ensino de Juiz de Fora.
E-mail: netoscout@hotmail.com

² “O laboratório de Pesquisas em Contato Linguístico – LABPEC – é um grupo multidisciplinar e internacional certificado pelo CNPq. O grupo reúne pesquisadores que atuam nas temáticas etnicidade linguística, fronteiras e espaços geolinguísticos e culturais, representação, identidade e glotopolítica. O LABPEC tem por objetivos identificar, descrever e analisar situações de manutenção, perda e revitalização de línguas e culturas em diferentes contextos de contato”. Fonte: <http://labpec-uff.com.br/elementor-430/>, acesso em 09 de setembro de 2020.

³ Tradução nossa. Trecho original: “*New dialect formation is the emergence of distinctive, new language varieties following the migration of people speaking mutually intelligible dialects to linguistically near-virgin territory (or at least territory where there is relatively little contact with any prior languages spoken)*”.

⁴ Nossa tradução. Termos originais: “*Prekoine, stabilized koine, expanded koine, nativized koine*”.

⁵ *Nikkei* (日系) é um termo em língua japonesa para os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão ou para japoneses que vivem regularmente no exterior.

⁶ Tabela criada através de dados coletados na coleção de livros didáticos de JPLE “*Progressive nihongo shokyū: curso básico de japonês*” (KURIHARA et al. 2006, 2007a, 2007b, 2007c, 2008a e 2008b).

⁷ *Romaji* significa “alfabeto romano”, ou seja, a maneira de grafar as palavras japonesas usando o alfabeto romano. “*Roma*” significa “Roma” e “*ji*” (字) letra. Destacamos que os japoneses somente utilizam esse alfabeto para destacar nomes de marcas famosas, tais como Yamaha, Toyota, Suzuki, ou para destacar vocabulários de origem estrangeira muito comuns ao redor do mundo e praticamente padronizados, tais como DVD, CD etc.

⁸ Destacamos que todo uso repetido do mesmo vocabulário na coleção será salientado nesta coluna com a referida página de ocorrência.

⁹ Nossa tradução. Trecho original: “*no se forja una palabra de cualquier manera; es necesario respetar a la vez el "espíritu" de la lengua y los sentimientos de los hablantes. La terminología*

supones, pues, por un lado, un conocimiento preciso de los sistemas de derivación, de composición de la lengua, un inventario de las raíces, etc., pero también, que las palabras creadas, los neologismos, sean aceptadas por los usuarios, es decir, que sean ante todo aceptables”.

¹⁰ Os resultados dos testes de inteligibilidade aplicados em nossa tese de doutorado (CARLOS NETO, 2020) corroboram com a premissa de que alguns vocábulos são usados, especificamente, no contexto dos *nipobrasileiros* da região de São Paulo, já que muitos *nipobrasileiros* do estado do Rio de Janeiro tiveram dificuldade de entender algumas palavras levantadas tal como “*Anyenbinomōtāshō*” (Festival de moda do Anhembi).

¹¹ “O *katakana* (片仮名), usado para grafar as palavras estrangeiras no japonês, aparece por volta do século IX, criado pelos monges budistas para facilitar e simplificar a leitura dos caracteres chineses, os *kanjis* (漢字)” (CARLOS NETO, 2020, p. 105).

¹² Premissa confirmada pelos resultados dos testes de inteligibilidade aplicados nos sujeitos investigados em nossa pesquisa. Cf. Carlos Neto, 2020.